

Filantropocapitalismo e a Grande Farra Pandêmica

Nicoletta Dentico e Armando De Negri Filho

No estágio inicial do surto de SARS-CoV-2, quando o vírus ainda não tinha sua denominação oficial e quando a declaração oficial de pandemia ainda estava por vir, a comunidade pública e científica convocada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em Genebra havia mobilizado inteligência internacional suficiente para atacar, com um senso coletivo de preocupação, o que estava por vir. O acordo no desfecho dessa intensa sessão, esboçando oportunamente um *Projeto de P&D* para o mundo, foi o reconhecimento de que a comunidade científica teria que trabalhar unida contra o vírus e manter canais amplos e abertos de comunicação (Oxford University, 2021). O conhecimento médico não poderia ser fechado: apenas a colaboração e o compartilhamento de informações reduziriam as duplicações, forneceriam a melhor ciência e acelerariam a descoberta para o desenvolvimento de qualquer remédio essencial contra o contágio crescente. O encontro científico em Genebra também elaborou planos para ensaios comparativos globais supervisionados pela OMS, para avaliar melhor os méritos dos tratamentos, diagnósticos e vacinas.

A Universidade de Oxford evidentemente tinha em mente uma abordagem semelhante quando pegou o mundo de surpresa em abril de 2020, com o anúncio de que evitaria o envolvimento da Big Pharma e daria os direitos de sua vacina coronavírus a qualquer produtor de drogas para acelerar o acesso à propriedade intelectual relacionada ao Covid-19 (IP). O vírus já estava em uma escala planetária, e os cientistas de Oxford se mostravam insatisfeitos com o nível de acesso global. Sua

ideia era garantir o fornecimento de ferramentas que prevenissem ou tratassem o novo coronavírus a um custo baixo ou gratuito, insistindo para que ninguém lucrasse com essa resposta sem precedentes (Hancock, 2020). Mas o entusiasmo do acesso da multidão aos medicamentos não durou muito tempo. Após pressão da Fundação Bill & Melinda Gates (BMGF) (Hancock, 2020), algumas semanas depois, Oxford mudou de rota. A equipe líder global selou um acordo exclusivo de vacinação com a AstraZeneca (Gilbert, 2020), uma fabricante de medicamentos gigante que quase não tinha experiência com o desenvolvimento de vacinas, exceto por uma vacina pouco conhecida de *spray* nasal para gripe. O acordo deu à empresa farmacêutica direitos exclusivos e nenhuma garantia de preços baixos. Em várias entrevistas, Bill e Melinda Gates, após críticas por terem insistido em desencorajar Oxford com relação à estratégia de código aberto, argumentaram que Oxford tinha que fazer parceria com uma empresa farmacêutica para fabricar sua vacina, e esse seria o papel de sua fundação para garantir a acessibilidade da vacina AstraZeneca.

Em março de 2020, a Fundação Bill & Melinda Gates já havia lançado uma proposta ousada para gerenciar a resposta científica mundial à pandemia Covid-19 com o *design* do Covid-19 Therapeutics Accelerator, juntamente com a Wellcome Trust e a Mastercard (Bank, 2020). Apenas algumas semanas depois viria o anúncio de que 15 atores da indústria de ciências da vida colaborariam diretamente com a Fundação Gates e contribuiriam com uma gama de ativos, recursos e *expertise* necessários para identificar soluções eficazes e escaláveis para a pandemia (Bank, 2020). No cenário de negação total do contágio por alguns governos e gestão incerta da pandemia por instituições internacionais, Bill Gates encontrou a tempestade perfeita para conceder a si mesmo, e sua fundação, um papel hegemônico apriorizado. Ele aproveitou para propor o Covid-19 ACT-Accelerator (ACT-A) à comunidade internacional, de modo a confirmar definitivamente o seu *status quo* para organizar o esforço global voltado para pesquisa, desenvolvimento, fabricação e distribuição das vacinas e tratamentos tão necessários. Como todas as outras organizações orientadas por Gates na arena global de saúde, a Aceleradora foi projetada como uma parceria público-privada baseada em caridade e atração da indústria. Em forte contraste com a inspiração da OMS para o compartilhamento científico, que levou ao Chamado Solidário à Ação e ao lançamento do Covid-19 Technology Access Pool (C-TAP) em maio de 2020 (WHO, 2021a), o ACT-A interpreta perfeitamente o compromisso de longa data de Bill Gates em proteger os monopólios da propriedade intelectual, que relançou a indústria farmacêutica global e os mercados consumidores no Sul Global (Gleckman, 2021).

Os argumentos implícitos do Acelerador de que os direitos de propriedade intelectual não representam um obstáculo para responder às necessidades globais de saúde e conceder acesso equitativo, e que devem ser protegidos mesmo durante uma pandemia, apenas trazem as evidências mais claras possíveis para

o quão influente Bill Gates veio a ser – e como agentes de mudança plutocrática como ele foram autorizados a vender suas receitas parciais e autopreservadoras para passar por ações reais de cooperação e solidariedade. O ativismo filantrópico de Gates na pandemia Covid-19, para a qual ele era a única pessoa preparada, possivelmente institucionalizou ainda mais seu domínio. Na narrativa oficial dos círculos multilaterais de desenvolvimento, a Fundação Bill & Melinda Gates está firmemente posicionada ao lado da Comissão Europeia, da Organização Mundial da Saúde e do Banco Mundial na sede da iniciativa ACT-A, tendo assumido de fato o disfarce de uma organização multilateral. Se isso não bastasse, o andaime operacional da Aceleradora conta com as entidades *multistakeholder* criadas nas últimas duas décadas em grande parte pela direção transformadora e financeira de Bill Gates.

São The Vaccine Alliance (Gavi) e Coalition for Epidemic Preparedness Innovations (Cepi), que executam o show ACT-A, com apoio lateral do Fundo Global, Unitaid e outros *players* híbridos. Trata-se de um desenvolvimento superado que traz implicações significativas; é lamentável que a maioria não queira vê-los ou endossá-los criticamente. Ele definitivamente impõe a primazia das parcerias público-privadas na gestão da primeira crise pandêmica da globalização. Também incorpora a decisão dos governos de confiar a essas entidades de direito privado as prescrições para lidar com uma emergência global, em sua aliança impenetrável com os setores farmacêutico e financeiro (Goldhill, 2021; Winning, 2021).

Na busca das elites pela mudança social e pela cooperação internacional contra a Covid-19 especificamente, a condição que a comunidade internacional aceitou é de que eles controlam não apenas o dinheiro e o poder, mas também a distribuição do dinheiro e o poder no cenário de mudança da pandemia. Uma escolha política. Uma escolha que agora contribui para o aprofundamento das desigualdades insalubres, como estamos vendo com a vacinação Darwinista (Zaitchik, 2021), que deixa grande parte do mundo no lado perdedor (Dentico, 2020), e para o enfraquecimento e quase infantilização da OMS.

Rob Reich tem um argumento muito bom quando destaca que “o crescimento das desigualdades pode muito bem ser o inimigo de uma convivência decente, mas é certamente o amigo da filantropia privada” (Reich, Cordelli & Bernholtz, 2016). Desde o início da nova filantropia do milênio, é um fenômeno correlacionado à crescente concentração de poder econômico e financeiro devido à dinâmica não regulamentada da globalização e à redução paralela das políticas de justiça social, mesmo em países tradicionalmente dotados de sistemas avançados de bem-estar.

Estratificações de classe e desigualdades voltaram como a principal parteira de uma nova geração de doadores ricos cujo interesse está em um mundo sendo mudado de maneiras que deixam coisas como compartilhamento de conhecimento, tributação, redistribuição, leis trabalhistas e regulamentações ambientais fora

da mesa. O dinheiro fala: sua estratégia filantropocapitalista¹ gera novas narrativas, impõe novas definições e abordagens para a agenda social global, introduz novas práticas como modelos para resolver os problemas globais atuais. Como a linguagem empresarial conquistou a esfera da mudança social, as línguas mais antigas de poder, justiça e direitos foram expulsas.

Colocar o dinheiro em posições de liderança para gerenciar os desafios do mundo potencializa seu sucesso empreendedor, pois o que os filantropocapitalistas fazem é transferir suas abordagens de negócios e instrumentos para a esfera social, engenharia de novos métodos híbridos para mudanças que refletem e expandem o único modelo que conhecem: o modelo de mercado (Dentico, 2020). A solução dos problemas públicos por meio de ações públicas – mudar a lei, ir à Justiça, organizar cidadãos, peticionar aos governos com queixas – fica totalmente obscurecida, pois doadores filantrópicos se concentram em alavancar o poder do capital, tecnologia, dados e política para melhorar vidas. Fomentar a inovação e criar novos mercados para os pobres (Bank, 2016) são suas rotas e solução primária. O Wealth-X e o Arton Capital Philanthropy Report 2016 mostram o quão benéfica essa arte de generosidade pelo “patrimônio líquido ultra-alto (UHNW)” – a definição técnica dos super-ricos – é para eles: os empreendedores que doaram pelo menos 1 milhão de dólares acabaram acumulando mais capital do que seus pares de classe. A filantropia pode combater a pobreza à sua maneira, mas, sem dúvida, reabastece o bolso dos doadores!

Portanto, não deve ser surpresa que mais de 200 mil fundações filantrópicas sejam contadas globalmente hoje, principalmente nos EUA – onde 87.142 entidades foram registradas em agosto de 2019 – e na Europa (85 mil entidades) (Dentico, 2020). O setor filantrópico está se expandindo vibrantemente no Sul Global também, onde começou a semear mais recentemente. Até o final de 2019, cerca de 10 mil fundações seriam contabilizadas no México, mil no Brasil e 2 mil na China. Entre os 2.153 bilionários registrados pela Forbes no final de 2019, novas figuras emergentes operam no hemisfério Sul – magnatas como Li Ka Shing em Hong Kong, que por meio de sua fundação prometeu 2 bilhões de dólares em projetos de saúde e educação, particularmente na China; ou o empresário anglo-sudanês Mo Ibrahim, fundador da Celtel africana de telecomunicações, cuja fundação visa promover uma boa governança e liderança no continente africano.

A rede de associações filantrópicas está chegando a um ponto de não retorno na África, com a criação de entidades coordenadoras como o Congresso Mundial

¹ Termo cunhado pela primeira vez em 2006, em um famoso artigo publicado em *The Economist*, que definiu impiedosamente a filantropia de risco (“a boa companhia”), “a expressão mais imoral da filantropia”. O conceito foi posteriormente apossado com um significado totalmente oposto por Matthew Bishop e Michael Green em 2008, em seu livro prefaciado por Bill Clinton *Philanthrocapitalism: how the rich can save the world* (Bishop & Green, 2008).

de Filantropos Muçulmanos (2008) e a Rede de *Grantmakers* Africanos (2009) (Dentico, 2020). Fundações filantrópicas do Sul Global convergiram recentemente para a ideia de criar sua própria representação em Genebra, de modo a exercer um papel mais direto nas estratégias de agenda global e na formulação de políticas (*Rethinking Philanthropy*, 2021). Se essa decisão está associada ao reconhecimento da necessidade de uma cultura filantrópica alternativa ao filantropocapitalismo ocidental, ainda não se sabe.

A Covid-19 também colocou os holofotes na concessão de *grants* e doações privadas na América Latina, onde os *players* filantrópicos não são tão proeminentes como em outras partes do mundo. Segundo alguns especialistas regionais, isso está ligado ao fato de que as corporações se tornaram ativas em resposta às restrições no espaço cívico/espço público – o aumento dramaticamente das doações resultou em “doações sem precedentes” (McGoldrick, 2021).

O *World Giving Index Report* (Informe sobre o Index Mundial de Doações) de 2021 menciona o Chile em 41º lugar e o Brasil em 74º na lista. Alguns lamentam que o ambiente regulatório nos países da América Latina não seja o mais propício à atividade filantrópica, enquanto outros citam o ambiente cultural como uma barreira que precisa ser suavizada. A situação está particularmente em transição no Brasil, segundo o Instituto Betty e Jacob Lafer, onde a importância de impulsionar a agenda filantrópica tem sido reconhecida como uma resposta à necessidade de reconstrução de espaços democráticos e ampliação dos direitos humanos por meio de políticas públicas, além de uma resposta paralela ao aumento da pobreza e da fome no país, devido à pandemia (McGoldrick, 2021).

Tal é o surgimento de empresas *iluminadas* e seus colaboradores nos mundos da caridade, da academia, da mídia, de governos e *think tanks*. Esse mundo tem seus próprios pensadores, que geralmente são chamados de líderes do pensamento. Tem sua própria língua. Também possui seu próprio território, incluindo um arquipélago em constante mudança de conferências regionais e internacionais, em que seus valores são amplamente difundidos e reforçados e transferidos para projetos e ações concretas.

Parece cada vez mais evidente, nesse momento em que as pessoas com mais a perder ante uma transformação social genuína se posicionaram no comando da agenda de desenvolvimento, muitas vezes com a posição passiva dos mais necessitados de mudança social:

Dentro da narrativa da caridade, essa tensão imanente na relação entre os privilegiados e os marginalizados é obscurecida. As condições que servem aos interesses dos privilegiados são retratadas como se estivessem desvinculadas das condições que privam os marginalizados. A tensão inerente entre os dois como uma necessidade estrutural é obscurecida, e sua relação é reformulada com o olhar da caridade ou responsabilidade

moral. Os privilegiados estão agora isentos do processo causal subjacente à privação dos marginalizados. Aos privilegiados é então oferecida uma sensação de alívio e redenção [...]. A ideologia opera nesse nível implícito. (Kim, 2021, tradução livre)

Em uma sociedade constituída por desigualdades, todo domínio social está sujeito à pressão para legitimar e reproduzir a estrutura de poder existente, além do objetivo explícito de melhorar o bem-estar da população. Afinal, precisamos reconhecer que a desigualdade na propriedade e no controle de recursos é um requisito estrutural para produzir grandes filantropias privadas, como a Fundação Gates, a emergente Fundação Chan Zuckerberg ou a Fundação Família Bezos.

Bill Gates tem sido um grande pioneiro, mas certamente hoje ele já não está sozinho nessa função ideológica. O surto de Covid-19 desempenhou um papel fundamental na inauguração, seguindo o modelo da Fundação ONU de Ted Turner – a primeira entidade filantrópica a firmar um acordo formal com as Nações Unidas em 1998 (Adams & Martens, 2018) – na área de saúde de Genebra de forma inesperada, por meio da criação da Fundação OMS no final de maio de 2020, como parte do processo de transformação da Organização Mundial da Saúde.² O objetivo explícito da fundação, que é apresentada como entidade independente, é simplificar o trânsito de apoio filantrópico e ampliar o *pool* de contribuintes da OMS, buscando doações de cidadãos comuns, indivíduos de alto patrimônio líquido (HNWI) e corporações. Isso tem sido altamente criticado, pois as fontes da fundação incluíam fontes que seriam consideradas inadequadas para a própria OMS – as únicas fontes de financiamento excluídas pela fundação são as indústrias de tabaco e armas (Maani et al., 2021).

A fundação tem o objetivo de “maximizar as contribuições financeiras líquidas” e, para isso, favorece a participação dos doadores no desenho de seu engajamento com a OMS e a interação com os parceiros implementadores que a apoiam. Em poucas palavras, a Fundação OMS incorpora uma das ambições centrais da reforma da OMS de Margaret Chan, ou seja, o desenvolvimento de “mecanismos de financiamento inovadores” de modo a se basear em “fundações e no setor privado e comercial”.

Mas seria ingênuo considerar essa operação mera questão de financiamento da Organização Mundial da Saúde. Em sua relação constitutiva com a Fundação das Nações Unidas de Ted Turner, a Fundação OMS revela seu propósito de moldar uma diplomacia paralela que escapa aos meandros das tensões intergovernamentais enquanto acelera um claro fim geopolítico de Genebra. Como abertamente

² Ver: <<https://www.who.int/news/item/27-05-2020-who-foundation-established-to-support-critical-global-health-needs>>.

sugerido pelo dr. Tedros (WHO, 2021b), é por meio dessas fundações gêmeas que a relação da OMS com o governo dos EUA foi mantida ativa ao longo de 2020, apesar de Donald Trump.

É por meio dessas fundações filantrópicas que a equidade vacinal está sendo buscada, pressionando por esquemas de doação. Sim: o que significa que os derrames da mesa dos países ricos, que acumularam as vacinas pandêmicas, terão que cair agora para os pobres, certificando-se de que nenhuma configuração dada seja desestabilizada de forma extravagante. Finalmente, as fundações se tornarão veículos de apoio e defesa do tratado de preparação e resposta pandêmica por meio de suas operações e financiamentos intrusivos.

É o próprio diretor-geral (DG) da OMS que pede uma nova gestão privada do mundo, liderada por filantropocapitalistas e suas entidades, para agir. Isso é considerado preferível à maneira antiquada, pública e institucionalizada de fazer as coisas. Governos e agências da Organização das Nações Unidas (ONU) estão ficando cada vez mais disfuncionais, é difícil negar. Mas essa é a razão pela qual precisamos tratar a reparação da agenda da saúde como nossa principal prioridade. Parece não haver nenhuma menção ao fato de que, ao colocarem os plutocratas em uma posição de liderança na resolução de problemas públicos, essas pessoas estão cada vez mais conseguindo o poder de frustrar soluções que as ameaçam, mesmo no contexto de uma pandemia. Parece não haver nenhuma percepção de que a cultura empresarial e a linguagem empresarial penetraram completamente na esfera da área global da saúde e da cultura institucional da OMS, gradualmente empurrando para fora a linguagem institucional do poder, dos direitos humanos e da justiça.

Warren Buffett (Warren..., 2021), a quarta pessoa mais rica do mundo, disse ao jornal *The New York Times* em 2006 que os ricos haviam alavancado um conflito inegável contra o resto da humanidade: “Há guerra de classes, tudo bem, mas é a minha classe, a classe rica, que está fazendo guerra, e estamos ganhando”. Como vivemos em um tempo pós-feudal que deixa pálidas as hierarquias circunscritas da Idade Média, precisaríamos de uma reflexão séria sobre as implicações sistêmicas do poder exagerado que os ricos exercem sobre a formulação de políticas globais, assim como sobre as concessões inevitáveis que ganham com as pressões influentes que orquestram com governos em âmbitos nacional e internacional.

A desigualdade é um portal que pode bloquear qualquer progresso, conforme explicado de forma insistente nos escritos do altamente mal interpretado filósofo moral Adam Smith. Em sua obra *A riqueza das nações* (https://pt.wikipedia.org/wiki/Adam_Smith), ele insistiu em que, certamente, o mais alto nível de prosperidade só poderia derivar de uma sábia mistura de justiça perfeita, liberdade perfeita e perfeita igualdade. Smith era um inimigo feroz das classes mercantis hegemônicas de seu tempo e condenou sua atuação contra o interesse público em várias ocasiões. Hoje, diante da escalada global de acumulação de riqueza e assimetrias de poder,

nem mesmo após a catástrofe respiratória da Covid-19 a comunidade internacional parece pronta para quebrar as “correntes invisíveis” – Adam Smith não se referiu apenas à mão invisível em seus escritos! – e reequilibrar os andaimes disfuncionais desse mundo globalizado danificado.

Na direção contrária, o fundamentalismo de mercado que impulsiona a hiperglobalização e suas múltiplas externalidades negativas está se reestruturando e gerando uma nova versão, organizada pelas empresas reunidas no Fórum Econômico Mundial, cujo principal interesse é garantir que o livre comércio continue sendo um elemento-chave do sistema global e que ele não desapareça (Alessi, 2020; Sen. Bernie..., 2021). Apesar dos efeitos devastadores da pandemia e do atual choque global de saúde, como as crises anteriores deste século, ele tem conseguido relançar o falso mito da economia de mercado como o sonho persistente de forjar o mundo.

Por sua vez, os filantropocapitalistas – como parte dessa elite que tem sistematicamente lançado suas iniciativas híbridas em Davos nas últimas duas décadas – agora podem aproveitar a turbulência causada pela pandemia, assim como a desorientação do público nessa turbulência, para promover suas soluções e novas formas de seu protagonismo e tomada de poder, com a máscara de um desejo declarado de interdependência e colaboração global na reformulada agenda de segurança da saúde para preparação e resposta ante futuras pandemias (Fukuda-Parr, Buss & Yamin, 2021).

Ao reivindicar resolver alguns dos desafios pandêmicos atuais com novas medidas pró-corporativas, os ricos agentes filantrópicos praticamente projetam os novos desafios de governança intratáveis para o futuro, na ausência de uma ação intergovernamental verdadeiramente colaborativa. A geopolítica das respostas do Covid-19 em 2020, ilustrada no início deste capítulo, e a geopolítica dos eventos de saúde ocorridos no segundo ano da pandemia mostram até que ponto as entidades público-privadas – criadas pelo filantropocapitalismo ocidental diante do SARS-CoV-2 e após seu surto com forte penetração do setor farmacêutico – conseguiram forçar sua agenda de cima para baixo na comunidade internacional. E enquanto os países ricos são os primeiros na fila para se vacinarem e se protegerem, milhões de pessoas marginalizadas continuam doentes e morrem sem sequer ter acesso a vacinas, porque as empresas não estão realmente interessadas em fornecer as vacinas a todos os clientes em potencial e na erradicação do vírus (How..., 2021).

No pano de fundo desse *apartheid* global de vacinas, o ativismo das fundações filantrópicas continua a emprestar sua influência política e operacional para contrabalançar, e de fato neutralizar, qualquer esforço sério do governo para introduzir uma suspensão temporária dos direitos de propriedade intelectual (IPRs) de modo a expandir o acesso ao conhecimento científico e aumentar as capacidades de produção local para todos os possíveis remédios contra a Covid-19 (vacinas, diagnósticos, terapêuticas e qualquer proteção fundamental, além de dispositivos médicos).

Essa medida política orientada por governos, apresentada à Organização Mundial do Comércio (OMC) pela Índia e pela África do Sul em outubro de 2020, tem total legitimidade do direito internacional – a possibilidade de uma renúncia está prevista no art. IX do Acordo de Marrakesh, que constituiu a OMC (WTO, 2020). A proposta da Índia e da África do Sul de suspender os direitos do monopólio ganhou cada vez mais consenso em todo o mundo, mas depois de um ano ainda está no limbo, e as conversações da OMC encontram-se em um impasse, porque o desmantelamento temporário dos regimes monopólicos em resposta a uma emergência sanitária implicaria um precedente inaceitável – o reconhecimento da disfunção inerente à economia do conhecimento globalizada sobre a qual a gigantesca riqueza dos filantropos é finalmente construída.

A disparidade entre os afogados e os salvos nunca foi tão patenteada e inabalável. Se o Covid-19 revelou nossa interconexão e fragilidade, também mostrou a crueldade do capitalismo atual, cujos filantropocapitalistas são tão desregulamentados e descontrolados.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, B. & MARTENS, J. *The UN Foundation – A Foundation for the UN?*. Berlin, Bonn, New York: Global Policy Forum, Rosa-Luxemburg-Stiftung, 2018. Disponível em: <https://archive.globalpolicy.org/images/pdfs/The_UN_Foundation_online.pdf>. Acesso em: 28 set. 2021.
- ALESSI, C. Free trade “will not go away” – leaders and experts weigh in on trade in a post-covid world. *World Economic Forum*, 8 July 2020. Disponível em: <www.weforum.org/agenda/2020/07/global-trade-multistakeholder-covid-19-top-quotes-google-ups/>. Acesso em: 28 set. 2021.
- BANK, D. Leveraging the balance sheet: a conversation with Julie Sanderland, founding director of Program Related Investments at the Bill & Melinda Gates Foundation. *Stanford Social Innovation Review*, 2016. (Supplement sponsored by the Bill & Melinda Gates Foundation). Disponível em: <https://ssir.org/articles/entry/leveraging_the_balance_sheet#>. Acesso em: 28 set. 2021.
- BISHOP, M. & GREEN, M. *Philanthrocapitalism: how the rich can save the world*. Nova York: Bloomsbury Press, 2008.
- DENTICO, N. *Ricchi e Buoni? Le trame oscure del filantropocapitalismo*. Verona: EMI, 2020.
- FUKUDA-PARR, S.; BUSS P. & YAMIN A. E. Pandemic treaty needs to start with rethinking the paradigm of global health security. *BMJ Global Health*, 6(6), 2021. Disponível em: <<https://gh.bmj.com/content/6/6/e006392>>. Acesso em: 28 set. 2021.

GILBERT, S. Covid vaccine front-runner is months ahead of her competition. Bloomberg, New York, 25 July 2020. Disponível em: <www.bloomberg.com/news/features/2020-07-15/oxford-s-covid-19-vaccine-is-the-coronavirus-front-runner>. Acesso em: 28 set. 2021.

GLECKMAN, H. Covax, a global multistakeholder group that poses political and health risks to developing countries and multilateralism. *TNI Long Reads*, Amsterdam, 1 Apr. 2021. Disponível em: <<https://longreads.tni.org/covax>>. Acesso em: 28 set. 2021.

GOLDHILL, O. Covid-19 vaccination rates follow the money in states with the biggest wealth gaps, analysis shows. *Stat News*, 21 Feb. 2021. Disponível em: <www.statnews.com/2021/02/11/covid19-vaccination-rates-follow-the-money-in-states-with-biggest-wealth-gaps/>. Acesso em: 28 set. 2021.

HANCOCK, J. They pledged to donate rights to their Covid vaccines, then sold them to pharma. *Keiser Health News*, 25 Aug. 2020. Disponível em: <<https://khn.org/news/rather-than-give-away-its-covid-vaccine-oxford-makes-a-deal-with-drugmaker/>>. Acesso em: 28 set. 2021.

HOW much will vaccine inequity cost? *The Economist Intelligence Unit*. Disponível em: <www.eiu.com/n/campaigns/how-much-will-vaccine-inequity-cost/>. Acesso em: 28 set. 2021.

KIM, H. The implicit ideological function of the global health field and its role in maintaining relations of power. *BMJ Global Health*, 6(4), 2021. Disponível em: <<https://gh.bmj.com/content/6/4/e005620>>. Acesso em: 28 set. 2021.

MAANI, N. et al. The new WHO Foundation – global health deserves better. *BMJ Global Health*, 2021. Disponível em: <<https://gh.bmj.com/content/6/2/e004950>>. Acesso em: 28 set. 2021.

MCGOLDRICK, A. Alliance webinar: Future of philanthropy in Latin America. *Alliance Magazine*, London, 4 May 2021. Disponível em: <www.alliancemagazine.org/conf-report/alliance-webinar-future-of-philanthropy-in-latin-america/>. Acesso em: 28 set. 2021.

OXFORD UNIVERSITY. Expedited access for Covid-19 related IP. Disponível em: <<https://innovation.ox.ac.uk/technologies-available/technology-licensing/expedited-access-covid-19-related-ip/>>. Acesso em: 28 set. 2021.

REICH, R.; CORDELLI, C. & BERNHOLTZ, L. *Philanthropy in Democratic Societies: history, institutions, values*. Chicago: The University of Chicago Press, 2016.

RETHINKING PHILANTROPY. Site. Disponível em: <www.rethinking-philanthropy.ch/en/>. Acesso em: 28 set. 2021.

SEN. BERNIE Sanders discusses impact of hyperglobalization on Covid-19. *Public Citizen*, 29 May 2020. Disponível em: <www.citizen.org/article/video-sen-bernie-sanders-discusses-impact-of-hyperglobalization-on-covid-19/>. Acesso em: 28 set. 2021.

WARREN Buffett. Real time net worth. *Forbes*, Jersey City, 2021. Disponível em: <www.forbes.com/profile/warren-buffett/?sh=1a79d9dd4639>. Acesso em: 28 set. 2021.

WINNING, A. Ramaphosa warns of 'vaccine apartheid' if rich nations hoard shots. *Business Day*, 10 May 2021. Disponível em: <www.businesslive.co.za/bd/national/2021-05-10-ramaphosa-warns-of-vaccine-apartheid-if-rich-nations-hoard-shots/>. Acesso em: 28 set. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). WHO Foundation Established to Support Critical Global Health Needs. *WHO News Release*, Geneva, 27 May 2020. Disponível em: <www.who.int/news/item/27-05-2020-who-foundation-established-to-support-critical-global-health-needs>. Acesso em: 28 set. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Covid-19 technology access pool. Disponível em: <www.who.int/initiatives/covid-19-technology-access-pool>. Acesso em: 28 set. 2021a.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). WHO Director-General's opening remarks at the meeting with UN Foundation Board of Directors, 8 Apr. 2021b. Disponível em: <www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-meeting-with-un-foundation-board-of-directors>. Acesso em: 28 set. 2021.

WORLD TRADE ORGANIZATION (WTO). IP/C/W/669. Waiver from certain provisions of the tripartite agreement for the prevention, containment and treatment of Covid-19, 2 Oct. 2020. Disponível em: <<https://docs.wto.org/dol2fe/Pages/SS/directdoc.aspx?filename=q:/IP/C/W669.pdf&Open=True>>. Acesso em: 28 set. 2021.

ZAITCHIK, A. How Bill Gates impeded global access to Covid vaccines. *The New Republic*, 12 Apr. 2021. Disponível em: <<https://newrepublic.com/article/162000/bill-gates-impeded-global-access-covid-vaccines>>. Acesso em: 28 set. 2021.